

GRAMÁTICA
DO PORTUGUÊS CULTO
FALADO NO BRASIL

ATALIBA T. DE CASTILHO
(coordenador)

VOLUME IV

**PALAVRAS
DE CLASSE FECHADA**

RODOLFO ILARI
(organizador)



editora**contexto**

SUMÁRIO



| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 7 |
| <i>Rodolfo Ilari</i> | |
| OS PRONOMES..... | 13 |
| <i>Maria Helena de Moura Neves</i> | |
| OS ESPECIFICADORES..... | 103 |
| <i>Ataliba T. de Castilho, Rodolfo Ilari, Maria Luíza Braga, Célia Moraes de Castilho, Roberta Pires de Oliveira e Renato Miguel Basso</i> | |
| PARTE 1 – Artigo definido | 105 |
| <i>Maria Luíza Braga, Rodolfo Ilari, Roberta Pires de Oliveira e Renato Miguel Basso</i> | |
| PARTE 2 – Demonstrativos | 129 |
| <i>Ataliba T. de Castilho</i> | |
| PARTE 3 – Quantificadores indefinidos | 147 |
| <i>Célia Moraes de Castilho</i> | |
| A PREPOSIÇÃO..... | 163 |
| <i>Rodolfo Ilari, Ataliba T. de Castilho, Maria Lúcia Leitão, Lou-Ann Kleppa e Renato Miguel Basso</i> | |

| | |
|-------------------------|-----|
| AS CONJUNÇÕES..... | 311 |
| <i>Rodolfo Ilari</i> | |
| ÍNDICE ONOMÁSTICO | 357 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 359 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 373 |
| OS AUTORES..... | 379 |

INTRODUÇÃO



O livro que o leitor tem em mãos, o quarto da série *Gramática do português culto falado no Brasil*, trata de quatro classes de palavras: os pronomes, os especificadores, as preposições e as conjunções. Ao versar sobre esses temas, ele completa um percurso que havia sido iniciado num volume anterior da série (o terceiro) em que se falava de substantivos, adjetivos, verbos e advérbios.

Distinguir classes de palavras e estudá-las separadamente é um modo de abordar os fatos de língua que vem sendo utilizado desde a Grécia antiga, como estratégia para entender a contribuição que as palavras fazem ao sentido geral das frases. O pressuposto é que palavras do mesmo tipo, ou seja, palavras que têm a mesma morfologia, veiculam significados de um mesmo tipo. Incorporado à tradição gramatical, esse pressuposto está presente, com maior ou menor transparência, em todas as gramáticas que já se escreveram, e justifica a obstinação com que os gramáticos defenderam suas próprias listas de “categorias gramaticais” ou “classes do discurso” ao longo dos séculos.

Os dois livros *Palavras de classe aberta* e *Palavras de classe fechada* inscrevem-se de maneira evidente nessa tradição. Opõem-se com isso a dois outros volumes da série, que tratam, respectivamente, dos processos de organização sintática que ocorrem no interior da sentença (“sintaxe da oração”) e dos processos de construção sintática cujas peças não são palavras, mas sentenças completas (“sintaxe do período”). Considerando que os livros da presente série têm origem comum num mesmo projeto de pesquisa – o Projeto de Estudo da Gramática do Português Falado no Brasil, que se desenvolveu em nosso país entre as décadas

de 1980 e 2000 sob a direção de Ataliba T. de Castilho, sendo um dos primeiros e mais bem-sucedidos projetos temáticos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo –, essa divergência de orientações e de níveis poderia gerar estranheza, e convém que seja explicada.

Como já foi relatado em outras publicações, o Projeto de Estudo do Português Culto Falado no Brasil foi lançado mediante a formação de uma equipe numerosa de linguistas altamente qualificados, que logo se defrontaram com a necessidade de definir para o grupo um programa de estudos. No primeiro momento, os únicos pontos de consenso foram a preocupação de descrever a língua falada tal como ela é observada (em oposição à prática “prescritiva” própria das gramáticas escolares, de dizer como a língua “deve” ou “deveria” ser) e a convicção de que a melhor amostra de língua falada disponível até aquele momento eram as gravações de língua falada feitas alguns anos antes no contexto de outro projeto que marcou época na linguística brasileira: o Nurc, Projeto de Estudo da Norma Urbana Linguística Culta do Português Brasileiro, também inspirado por Ataliba T. de Castilho.

Embora as primeiras reuniões tivessem criado essa unanimidade quanto aos propósitos gerais do projeto e quanto ao objeto da descrição (tratar-se-ia de descrever a fala culta brasileira, e isso precisaria ser feito observando os inquéritos do Nurc), essa unanimidade vinha acompanhada pela percepção de que, no grupo, havia diferenças de orientação profundas. De fato, àquela altura, alguns dos participantes do projeto já eram referência nacional numa linha de análise gramatical inspirada pelo gerativismo, ao passo que outros já haviam ganhado notoriedade adotando uma orientação funcionalista. Foi natural, então, que se constituíssem duas equipes de “sintaticistas”, uma das quais reuniu os pesquisadores de orientação gerativista, ao passo que a outra acabou abrigando linguistas de outras orientações. O primeiro grupo dedicou-se com afinco a descrever as sentenças da língua falada tomando como referência os conceitos descritivos da gramática chomskiana, combinados às vezes com avaliações de caráter quantitativo inspiradas na Sociolinguística de William Labov; no segundo grupo, adotou-se ao contrário a velha estratégia aqui lembrada, de observar e classificar as palavras, perguntando qual é o seu potencial significativo, ou seja, a contribuição com que elas intervêm na sentença.

O Projeto da Gramática do Português Falado foi particularmente ativo nas décadas de 1980 e 1990, quando produziu uma série de livros em que foi coligida quase uma centena de ensaios sobre a fonologia, a morfologia, a sintaxe e as propriedades textuais da língua falada. Inspirou pelo Brasil afora inúmeros trabalhos de tese e inúmeros projetos de pesquisa tanto pessoais como coletivos, dotando assim a língua portuguesa, em sua variante brasileira, de uma das primeiras descrições robustas do falado, em nível mundial.

No final da década de 2000, a coleção *Gramática do português culto falado no Brasil*, editada pela Editora da Universidade Estadual de Campinas, representou uma primeira tentativa de consolidar essa produção na forma de uma gramática de consulta em três volumes, colocando à disposição da sociedade brasileira o produto de um investimento público de duas décadas. Mais recentemente, o papel de publicar esses escritos foi encampado pela Editora Contexto, que se dispôs a providenciar uma nova edição da coleção, com um formato mais manuseável e mais acessível aos bolsos.

Nesta nova edição, a estrutura da sentença é objeto de um volume específico, aos cuidados da dupla Mary Kato e Milton do Nascimento. Outro volume, organizado por Maria Helena de Moura Neves, recolhe estudos sobre a sintaxe do período. A nova organização das matérias afetou também os capítulos sobre “classes de palavras”, que foram distribuídos em dois volumes, cujos títulos falam respectivamente de “palavras de classe aberta” e “palavras de classe fechada”.

As classes “abertas” – o substantivo, o adjetivo, o verbo e o advérbio – são aquelas que ganham novos itens o tempo todo, servindo de exemplo a facilidade com que a língua dos últimos anos, atendendo a necessidades tecnológicas ou outras, assimilou substantivos como “rolezinho”, verbos como “deletar” e adjetivos como “plugado”. As classes fechadas – tema deste volume – são as preposições, as conjunções, os especificadores e os pronomes. Denominam-se classes “fechadas” porque nelas a formação de novos itens é mais lenta (pense-se no tempo que foi necessário para que a expressão de tratamento *Vossa Mercê* se tornasse *você*, hoje indiscutivelmente um pronome de segunda pessoa) e porque contêm séries de poucos elementos (como é o caso dos artigos, que, uma vez descontada a flexão de gênero e número, se reduzem a dois ou três). Generalizando bastante, e recuperando uma afirmação que já estava em Aristóteles, há uma diferença óbvia de função entre as palavras de classe aberta e as palavras de classe fechada: as primeiras têm um conteúdo descritivo que remete à realidade extralinguística, ao mundo; as segundas funcionam como “instrumentos gramaticais”, isto é, como utensílios que estruturam as sentenças da língua.

Considerando que os mesmos autores respondem pelos dois livros desta coleção em que se faz sintaxe a partir das classes de palavras, cabe perguntar em que os livros são parecidos (além do fato óbvio de que o ponto de partida são as palavras, e não a estrutura da sentença, e o material analisado são os inquiridos do Nurc). Uma resposta aparentemente fácil seria dizer que eles reúnem textos de orientação funcionalista, mas isso seria certamente uma simplificação excessiva. De fato, embora algumas passagens exponham ideias de funcionalistas conhecidos, como Simon Dik ou Leonard Talmy, muitas outras influências se fazem presentes. Alguns capítulos, por exemplo, mostram uma clara preocupação de fornecer dados de caráter estatístico, bem ao gosto da Sociolinguística variacio-

nista; ainda mais frequente é o recurso a conceitos das teorias da gramaticalização e à abordagem multissistêmica da linguagem de Ataliba T. de Castilho; e, por fim, em muitos capítulos, faz-se um uso declarado de conceitos importados da Lógica elementar. As consequências são evidentes.

Segundo a teoria da gramaticalização, as línguas transformam constantemente itens lexicais (ou seja: palavras de classe aberta) em palavras gramaticais (palavras de classe fechada) e, eventualmente, em morfemas. Num mesmo momento da história da língua, palavras distintas podem encontrar-se em pontos diferentes desse percurso; assim, faz sentido falar de expressões *mais ou menos* gramaticalizadas, e uma das consequências disso é que a própria delimitação das classes de palavras (ou a decisão de atribuir determinadas palavras e expressões a dada classe) se torna altamente problemática.

Segundo a abordagem multissistêmica de Ataliba T. de Castilho, qualquer sentença mobiliza simultaneamente informações léxicas, sintáticas, semânticas e discursivas; o grande recurso de que a língua lança mão para integrar todas essas informações é um dispositivo sociocognitivo, e entre os quatro sistemas não cabe estabelecer uma prioridade lógica. A partir dessa perspectiva, falar em classes de palavras é, entre outras coisas, pensar em diferentes modos de articular informações de vários tipos, através do léxico.

Noções derivadas da lógica, como as de predicado, operador e escopo, permitem recortes úteis para a descrição, mas obrigam, também, a abandonar os velhos hábitos que a gramática criou em nós.

O recurso a todos esses conceitos marcava fortemente o livro sobre as palavras das classes abertas e repete-se aqui nos quatro capítulos dedicados às palavras das classes fechadas. Por exemplo, todo o capítulo sobre preposições é atravessado pela preocupação de medir em que grau as palavras dessa classe podem ser consideradas gramaticalizadas; o estudo sobre os advérbios é fortemente marcado pela orientação multissistêmica, e o capítulo sobre conjunções toma por referência as gramáticas categoriais, que foram inspiradas pela noção lógica de função. Trata-se, reconhecidamente, de conceitos heterogêneos (originados de tradições distintas) e o fato de estarem presentes no mesmo livro e às vezes num mesmo capítulo dá ao livro um caráter de ecletismo do qual os autores são conscientes.

Esse ecletismo não deveria impedir o leitor de perceber uma unidade mais profunda que ainda pode ser chamada de funcionalista e tem a ver com a concepção de língua que subjaz aos vários capítulos. Os autores deste livro entenderam com efeito que sua tarefa consistia em explicar a escolha das palavras usadas na construção das sentenças como uma escolha sempre significativa, definindo sua própria tarefa de análise como uma constante tentativa de explicar por que, ao produzirem suas falas em um contexto determinado, os falantes preferiram usar

certas formas linguísticas, e não outras. Por isso, uma característica comum dos capítulos deste livro foi o compromisso de apontar a contribuição que as palavras (no caso, palavras de classe fechada) fazem para a interpretação da sentença em que aparecem, enquanto unidades lexicais e enquanto membros de uma classe morfossintática, indo além do óbvio. Adotada essa perspectiva, a língua deixa de ser encarada como uma estrutura matemática, para ser vista como uma atividade cognitiva, que opera não por categorias perfeitamente disjuntas, mas, sim, por categorias baseadas em protótipos, tanto na organização que impõe ao mundo quanto na maneira como se organiza a si própria.

Em suma, neste livro vale mais do que nunca o velho pressuposto de que as palavras podem ser agrupadas em função de características comuns (distribucionais e semânticas, cognitivas, discursivas etc.), e esse pressuposto é mobilizado não só para explicar as sentenças enquanto estruturas, mas principalmente para tentar reconstituir processos cognitivos que se passam na mente dos falantes. Não nos parece inadequado que assim seja; afinal a ideia de que palavras de classes distintas têm funções diferentes não é apenas uma crença com forte presença histórica na gramática; é também uma das convicções mais fortes que os próprios falantes têm a respeito de si mesmos.

Encerro com duas observações e um agradecimento. As observações são sobre o modo como procurei desempenhar meu papel de organizador ou “editor” dos dois volumes sobre classes de palavras, e sobre o paradoxo de querer propor ideias novas falando de coisas tão batidas como os pronomes, os determinantes (ou seja, os artigos, os indefinidos etc.), as preposições e as conjunções.

Como responsável pela versão final deste livro, eu representei a mim mesmo sobretudo como porta-voz do leitor. Mas quem é esse leitor? A presente coleção foi concebida como uma grande gramática de consulta. Espera-se que seja útil a todos os profissionais que usam a linguagem no seu dia a dia, sejam eles advogados, jornalistas ou ainda professores de língua materna e estrangeira. Mas o leitor que se visou nestas páginas não é necessariamente um pesquisador profissional da linguagem (e, menos ainda, um caçador de regras do bem falar); é antes o indivíduo culto e dotado de disciplina intelectual, que, sem envolver-se em especulações acadêmicas, se dispõe ao exercício intelectual de entender como funciona a linguagem e como se pode tirar partido dela no uso. Na representação que fizemos dele, esse leitor é alguém que está acostumado a procurar respostas sobre a língua nos compêndios escolares de gramática e que espera encontrar informações sobre as palavras em capítulos estanques, organizados de uma determinada maneira. “Copiar” essa organização tradicional não seria necessariamente o melhor caminho, mas era o caminho mais “amigável” e esperado; e isso recomendava que a estrutura do livro fosse a mais próxima possível da estrutura tradicional.

O principal problema com que me defrontei como organizador do volume foi o de dar um caráter didático a alguns capítulos que haviam sido escritos como textos acadêmicos. Fiz então um grande esforço no sentido de tornar a redação tão leve e transparente quanto possível sem trair os autores e sem sacrificar o conteúdo. Isso me obrigou às vezes a suprimir certos desdobramentos teóricos, ou certas passagens de resenha que só teriam sentido para leitores especializados, independentemente de seu valor. Conto aqui com a benevolência dos autores, cuja competência está acima de qualquer dúvida.

Quanto a uma possível contradição entre falar a linguagem de sempre e apresentar ideias novas, parece-me importante dizer que a semelhança com as gramáticas tradicionais só existe, precisamente, no nível dos títulos e que, ao contrário do que estes poderiam sugerir, a leitura vai fatalmente proporcionar surpresas, nem sempre óbvias e nem sempre fáceis de assimilar. Ou seja, as novidades deste livro (e de seu companheiro sobre palavras de classe aberta) estão nas análises desenvolvidas em cada capítulo, e não nos títulos que constam do “Sumário”. Em outras palavras, o confronto com os tratamentos tradicionais das classes de palavras foi um desafio reconhecido e aceito. E o esforço dos autores terá sido compensado se, no final da leitura, o leitor estiver disposto a aceitar um paradoxo com que convivemos: por um lado, dividir as palavras em classes é necessário, e é uma operação que fazemos o tempo todo ao construir e interpretar sentenças; por outro lado, qualquer classificação adotada será sempre um instrumento grosseiro para entender o funcionamento da língua, e precisará necessariamente ser completada por subclassificações (ou subcategorizações) bastante minuciosas e, sobretudo, ser objeto de uma crítica e de uma reflexão constantes, de que procuramos dar o exemplo.

Deixo registrados aqui meus agradecimentos 1) aos autores; 2) à Sra. Lúcia Helena Lahoz Morelli, da equipe técnica da Edunicamp, que muito contribuiu durante a preparação da primeira edição do livro; 3) aos colegas e coautores Maria Lúcia Leitão de Almeida e Renato Basso, que discutiram comigo várias passagens do manuscrito; e 4) à Universidade de Estocolmo, que, em 2008, garantiu as condições materiais para a preparação da primeira edição.

Campinas, março de 2014.

Rodolfo Ilari